

O TRABALHO COM PROJETOS EM DANÇA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CONTINUADA

Kathya Maria Ayres de Godoy

Instituto de Artes – São Paulo – Unesp

A DANÇA QUE ENCANTA

A Dança é muito antiga. Para Faro (1986) ela, em suas diversas manifestações, liga-se à raça humana de maneira tão intrínseca, que só se extinguirá quando deixarmos de existir.

O homem, antes mesmo de falar, se comunicava por meio de gestos e sons. Nas cavernas como as da Serra da Capivara, no Piauí (Brasil), de Altamira (Espanha) e de Lascaux (França), existem desenhos nas paredes com cenas de pessoas em roda, correndo, saltando, dançando. Vemos também, nessas pinturas rupestres, homens vestidos com peles de animais imitando suas posturas (RENGEL, 2006). Trata-se de representações muito antigas, nas quais imputamos os primórdios da arte da dança. Dançar naquele período era a maneira do homem se comunicar com o sobrenatural e relacionar-se com a natureza por meio de rituais e oferendas. Essa dança primitiva era o elo de comunicação entre o homem e o cosmos, por isso elas expressavam ações cotidianas como a caça, a colheita, etc.

Desse modo, a Dança faz parte das culturas humanas e sempre integrou o trabalho, as religiões, as atividades de lazer, os rituais. Em todos esses momentos dançantes, encontramos significados e pensamentos explorados pela Dança, com uma semelhança: o corpo em movimento como meio de expressão e comunicação. Assim, a Dança também chega à escola. E, esse é o local onde o que se procura não é a perfeição ou a criação e execução de danças sensacionais, mas o efeito benéfico que a atividade criativa da dança tem sobre a pessoa (LABAN, 1990).

Para Godoy (2003), ao se considerar a Dança como uma experiência de arte criativa e educacional, garante-se aos alunos uma maneira de vivenciar valores estéticos descobertos na realidade, usando experiências motoras criativas baseadas na instrução. Partimos do princípio de que todos nós, que somos corpo, podemos: criar, aprender, exercitar, reinventar, assistir e refletir sobre Dança ou sobre as diferentes danças.

A linguagem da dança, como processo de autoconhecimento (do corpo, de seus limites e de suas possibilidades) e instrumento de efetivação das relações sociais, leva o aluno a experimentar novas possibilidades no plano do exercício da criação e de integração de um grupo (BRASIL, 1997). Essa idéia de processo, instrumento e exercício ganha amplitude quando se refere ao ser em movimento tendo em vista o seu aprimoramento como presença ativa no mundo, marca de seu tempo e da história a ser construída, tanto de vida como do seu grupo social.

Por isso defendemos o estudo da Dança que se inicia na escola a partir das formas básicas universais de movimento (andar, saltar, correr, entre outras) e, não a partir da preparação de um espetáculo com padrões de movimentos estereotipados. A ênfase está no processo de construção da linguagem que pode gerar uma criação (o espetáculo), mas como consequência de uma construção pessoal e coletiva e não como um fim em si. Para tanto, é necessário fazer com que os alunos, ao mesmo tempo em que tomam consciência do movimento, preservem a espontaneidade do mesmo e sejam incentivados em sua expressão criativa.

Foi nessas bases que formulamos nosso convite ao dançar para aquela comunidade. Depois de várias recusas em escolas e comunidades, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Rodrigues de Campos aceitou o convite. Estabelecida a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e a respectiva Diretoria Regional de Ensino de Pirituba (Zona Oeste), efetivamos contato com a direção da escola, coordenação e professoras da 4ª série do Ensino Fundamental. Nos encontros seguintes discutimos nossa proposta e ouvimos sugestões de como implantá-la. A partir disto revimos as ações e decidimos que também ouviríamos a comunidade e os alunos. Assim foi que construímos o Projeto Dança Criança na Vida Real, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Unesp (PROEX) em parceria com o Banco Santander/Real.

Compartilhando as escolhas desde o início do desenvolvimento do projeto e sempre com base na reflexão que expomos a seguir, pretendemos contribuir com este relato de experiência como uma possibilidade de apresentação a vocês, alunos do curso de Pedagogia Unesp/Univesp, de um projeto no qual a dimensão cultural da formação docente, tanto inicial quanto continuada, visa à atuação no Ensino Básico. Desse modo, nesta oportunidade focamos a avaliação feita pelas professoras, das classes de 4ª série da referida escola, dos alunos-bolsistas dos Cursos de Licenciatura em Arte – Teatro e Licenciatura em Música do Instituto de Artes da Unesp-SP e dos pesquisadores, todos participantes da equipe responsável pelo projeto.

APRESENTANDO O PROJETO DANÇA CRIANÇA NA VIDA REAL

Dança Criança na Vida Real se constituiu como um projeto de ação cultural, cujo foco foi apresentar a linguagem artística da dança para crianças da periferia da zona oeste da cidade de São Paulo.

A proposta previu o entrelaçamento extensão, pesquisa e ensino por meio do desenvolvimento de ações multidisciplinares ao longo de 2008. Isso foi possível porque reunimos a experiência e esforços relacionados a trabalhos já em andamento, como o “Projeto de Extensão IAdança”, o “Projeto Núcleo de Ensino Dançando na Escola” e estudos do Grupo de Pesquisa Dança: Estética e Educação, coordenados pela Prof^a Dr^a Kathya Godoy e pela Prof^a Dr^a Rita Antunes. Tais iniciativas pertencem ao Instituto de Artes da Unesp (IA/Unesp).

O Grupo de Pesquisa Dança: Estética e Educação, criado em 2006, reúne pesquisadores, alunos, mestres e doutores em distintas áreas voltados à formulação e discussão de projetos e ações no tema que a denominação do grupo inspira, tendo o corpo, o movimento e o dançar como objetos de estudo. O IAdança – Grupo de Dança do Instituto de Artes da Unesp foi criado em 2005 e desenvolve um trabalho de criação e de pesquisa do movimento corporal na dança contemporânea. O Projeto Dançando na Escola, desde 2004, tem como objetivo a introdução de uma visão artística e educacional da linguagem da dança na escola, contextualizando-a como manifestação cultural presente na sociedade.

O Projeto Dança Criança na Vida Real foi inovador justamente devido à possibilidade de unir três propostas convergentes para uma finalidade: o atendimento a uma comunidade socialmente excluída por meio do acesso a elementos da cultura diferenciados daquela em que está inserida. E, o aspecto desse projeto que ora destacamos refere-se ao fato de: 1) ter possibilitado ao graduando do IA entrar em contato com essa realidade por meio de ações artístico educativas que o projeto contempla. Esses alunos/bolsistas estiveram acompanhados de pesquisadores mais experientes, e nesse sentido houve impacto na formação deles por meio do aprimoramento como artistas/bailarinos/intérpretes; como educadores (proponentes das oficinas) e pesquisadores (na observação assistemática e coleta de depoimentos das crianças); 2) ter colocado as professoras das classes participantes em contato com as possibilidades concretas e resultados apresentados pelos alunos, advindos da prática corporal no contexto da dança como componente integrador do currículo escolar.

ABRINDO PORTAS PARA A DANÇA

Todo o planejamento das atividades da ação cultural em Dança que empreendemos na escola escolhida foi pautado no levantamento prévio de informações sobre os alunos, seu cotidiano, seus hábitos e a comunidade em que estão inseridos.

Parte destas informações foi obtida em entrevistas com os profissionais da escola, em dados objetivos da Secretaria Municipal de Educação e em conversas informais com pessoas da comunidade escolar. Entretanto, a referência mais forte foi o que somente as próprias crianças poderiam nos fornecer sobre um quadro, ainda que delineado, de suas experiências e necessidades.

Já no primeiro contato, fizemos entrevistas informais com algumas crianças de cada classe, aleatoriamente, a fim de vislumbrar o perfil do público envolvido. Ao final, replicamos algumas questões e completamos com outras. Poucos alunos disseram não saber dançar; vimos que a maioria se interessa e tem prazer em dançar; que a Dança é identificada com a seqüência de passos a ser realizada num determinado estilo musical; há uma influência grande de determinados estilos de música na comunidade em que os alunos estão inseridos e nos seus hábitos culturais.

Desse modo, julgamos apropriado o desenvolvimento de jogos teatrais nos quais o uso do movimento expressivo foi a matéria-prima para a criação e improvisações cênicas em Dança nas quais a referência de ação foi a *jam sessions*. Essa estrutura é muito usada por músicos, pois se caracteriza pela improvisação a partir de uma frase musical indicada e em Dança, usamos temas corporais com alguns passos específicos de dança para iniciar a seção. Nesse sentido, a Dança que levamos para a escola procura preservar a liberdade de expressão de cada um, sem a cópia de modelos pré-determinados, a fim de expandir a percepção dos alunos em relação ao próprio corpo e suas possibilidades de movimentação. Investimos fortemente, então, em mostrar aos alunos que dançar é uma atividade potencial de todo ser humano e que cada um pode ter sua forma de expressão inserida em um fazer coletivo.

A seguir, apresentamos dados que mostram a repercussão desse fazer coletivo na formação continuada de professores e de professores pesquisadores, as impressões relatadas pelas professoras das 4^{as} séries da escola, bem como na formação docente inicial dos alunos bolsistas e pelos pesquisadores que participaram ativamente do projeto.

EM CENA: OS PARTICIPANTES DESSA DANÇA

As cento e sessenta crianças das classes de 4^a série foram os participantes que estiveram sob o foco direto do projeto. Além dos registros das manifestações corporais obtidos

por filmagem durante os encontros vivenciais, também desenhos e depoimentos pessoais nos permitiu constatar que os resultados foram além do objetivo de lhes apresentar a Dança. Eles nos mostraram em imagens e palavras, que estabeleceram identificação e prazer com a prática corporal de sensibilização para a Dança, que também os afetou em aspectos como o cultural e social.

Esses aspectos também foram ressaltados pelas quatro professoras das classes participantes. Duas delas deixaram registradas e autorizaram divulgar o filme em que relatam suas impressões e as mudanças que observaram em seus alunos, correlacionando-as a nossa atuação no projeto. Foram unânimes quanto à desenvoltura e aderência às atividades, até mesmo dos mais tímidos. Citam conversas entre os alunos e deles com elas a respeito dos conteúdos e das pessoas do nosso grupo com os quais entraram em contato, demonstrando curiosidades, interesses e reflexão em sala de aula, no sentido da criação de valores culturais a partir das relações humanas; além da grande expectativa de todos pela 'aula' seguinte.

Não obstante, à prioridade desses resultados, destacam-se, nesta oportunidade, outros depoimentos não menos relevantes produzidos paralelamente ao trabalho com as crianças, fruto da observação mútua e da auto-observação dos profissionais atuantes.

Por referirmo-nos a profissionais experientes e alguns inclusive em pesquisa aplicada em Educação, entendemos suas colocações já resultantes de reflexão tanto coletiva quanto individual como a análise/síntese mais original, desse ponto de vista, sobre o projeto em tela. Assim, selecionamos alguns depoimentos para ilustrar o que representam o esse processo de elaboração, aplicação e reflexão do projeto trabalho realizado. Cabe enfatizar que selecionamos apenas alguns desses depoimentos neste texto, mas que o livro digital produzido sobre o projeto (GODOY; ANTUNES, 2008) relata na íntegra todos os dados obtidos na escola.

Flávia Coelho

(graduanda cursando Licenciatura em Arte –Teatro no IA/Unesp-SP)

Dança e criança. Ensinar Dança. Aprender.

Antes de ir à escola, durante a elaboração das oficinas e reuniões para discutir o projeto, me perguntava se era necessário ensinar Dança. Pelo que me lembrava, quando criança aprendia a dançar sozinha. Ou melhor, observando as diversas danças com as quais tinha contato, aprendia imitando. O que na verdade me inquietava era saber se era necessário ensinar um certo tipo de dança.

Após essa etapa de elaboração das oficinas, quando fiz parte dos propositores de cada oficina, comecei a ver a nossa intervenção com outros olhos. O que levamos para as crianças, afinal, não foi um certo tipo de dança. A partir de um modo de criação coletiva, que foi trabalhado no grupo IAdança, pudemos levar para as crianças um mundo de possibilidades. Apresentamos àquelas crianças um tipo de criação que não passa apenas pela imitação. Pudemos mostrar que não existe um padrão a seguir, obrigatoriamente. O que mais me encantou foi ver as crianças descobrirem que sabem um tipo de dança, uma Dança que é própria de cada um. E que essa Dança acontece em cada um e também no grupo.

Chegando à escola e conhecendo as crianças, auxiliando na aplicação das oficinas, percebi que o aprendizado que construímos lá era ainda mais importante do que havia imaginado. Apresentar um tipo de dança onde cada um pode e deve se colocar. Onde a criança não é mero repetidor de passos prontos, mas deve criar. Uma Dança que não tem certo e errado, mas jogo e interação. Talvez não precisássemos mesmo ensinar ninguém a dançar, mas certamente ensinar a criar, se colocar em foco, se colocar em cena, jogar e interagir com o grupo em que estão. Foi isso que ensinamos para e com essas crianças, aprendemos com elas também. Isso é mais do que dançar, sem deixar de ser Dança e expressão artística”.

Julianus Araújo Nunes

(graduando cursando Licenciatura em Música no IA/Unesp-SP)

“Quando penso no projeto não posso deixar de lado o processo que passei para que minha participação fosse efetiva. Inicialmente eu pude pensar como poderia proporcionar aos participantes uma forma de interação com a Música e a Dança e então, ao buscar ajuda em autores como Gordon (2000), Dalcroze discutido por Fonterrada (2008) e Laban (1978,1990), foi elaborada a oficina Música, Movimento e Dança. Ao ministrar a oficina pude perceber a reação dos participantes e dessa forma pude perceber como coordenar as atividades e até

mesmo modificar uma atividade ou outra. Isso permitiu que eu refletisse sobre minha prática pedagógica para então melhorar as oficinas e minha atuação como professor.

Logo o projeto foi para mim uma relação de troca com os alunos: eu pude oferecer a eles uma forma de interagir e vivenciar elementos formais da música como o pulso e a métrica e por outro lado eu aprendi com os alunos desde antes de ministrar a oficina, enquanto eu a preparava e pensava nas atividades; enquanto ministrava a oficina, tomando decisões sobre como conduzir a oficina; e por fim ao refletir sobre como a oficina foi conduzida e como posso melhorar a minha prática em sala de aula”.

Natasha Curuci

(Graduada Licenciada em Arte – Teatro pelo IA/Unesp-SP)

“Dança criança!”. Quando penso em todo o processo pelo qual passamos junto com os educandos, uma palavra me vem à cabeça: Experiência. Segundo Jorge Larossa (2004), um espanhol filósofo da educação, a experiência é o que nos atravessa, nos acontece, nos faz sentir e a partir dela construímos um conhecimento que nos é próprio, uma vez que nasce de nossas vivências. Em um processo de aprendizagem pautado na experiência, tanto o educador quanto os educandos se disponibilizam para que algo os aconteça e, dessa forma, eles possam construir algum conhecimento.

E foi isso que nos aconteceu: experienciamos. Investigamos juntos possibilidades de relação com a Dança e com o corpo que se movimenta expressivamente. A vivência para nós, educadores, iniciou-se já na preparação dos jogos e das dinâmicas que desenvolveríamos na escola. Em cada vivência compartilhada com os alunos, repensávamos as atividades e as dinâmicas. Por isso, este processo foi muito construtivo para mim, aluna do quarto ano de Licenciatura em Artes.

Preocupamo-nos com cada atividade, para que a investigação do corpo acontecesse aos educandos, apesar do curto espaço de tempo que tínhamos. Dessa

forma, procuramos aproximá-los da linguagem artística da dança, por meio de atividades, oficinas, apresentação de vídeo e de uma curta coreografia executada por nós, propositores do projeto. A experiência, bem como o conhecimento, se construiu no fazer artístico, no apreciar e no refletir sobre a Dança”.

Claudia Rosa

*(Professora de Educação Física da Rede Pública Estadual de São Paulo
– Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação do IA-Unesp-SP)*

“Posso dizer que a minha participação neste projeto se apresentou disposta em três momentos: a Preocupação, a Reflexão e a Realização.

A Preocupação se manifestou durante o processo de elaboração das oficinas buscando proporcionar às crianças vivências prazerosas e significativas.

Durante todo este processo os questionamentos e Reflexões se fizeram presentes, mas que culminaram em momentos de grandes Realizações ao ver em cada rostinho das crianças o prazer em criar, brincar, apreender, ensinar, dançar...”

Fernanda Sgarbi

*(Professora de Educação Física da Rede Pública do Município de São Paulo
– Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação do IA-Unesp-SP)*

“Pesquisar, discutir, elaborar, fazer, refazer, experimentar, vivenciar... Estas ações fizeram parte do Projeto Dança Criança na Vida Real.

Todas as nossas práticas foram permeadas pelo trabalho coletivo, o qual foi sendo construído pela originalidade de cada um dos integrantes do grupo de pesquisa “Dança: Estética e Educação” e pela reflexão de cada um, de todos e com todos ao mesmo tempo.

Ao olhar para essa construção, pude perceber a importância do processo de transformação do saber ao saber/fazer. E, foi por meio da prática reflexiva que

nossas intenções, nosso saber se transformou em saber/fazer, construído na prática, com a escola, os alunos e o grupo de pesquisa. Isto envolveu vários momentos: o planejamento das oficinas, a aplicação e a experimentação com o grupo IAdança, o desenvolvimento das oficinas na escola e, a avaliação destas para uma nova ação, uma nova estratégia.

Todos esses momentos envolveram o refletir antes, durante e após a ação.

A reflexão anterior à ação aconteceu no planejar a oficina, no pensar nas “cartas da manga” e no experimentar as atividades com o grupo IAdança. Tudo isso para nos prepararmos para lidar com as situações imprevistas da prática com maior segurança.

As adaptações que aconteceram no momento de realização da oficina, aquelas sem um planejamento prévio, fizeram parte da reflexão durante a ação para reformularmos a prática, tornando-a adequada ao contexto dos alunos.

E, a reflexão sobre a ação que realizamos coletivamente, ressaltando os procedimentos utilizados, as respostas dos alunos, o que funcionou, o que não funcionou e como poderíamos melhorar.

Esses momentos foram preciosos! Eles revelaram o prazer de ser professora. Eles contribuíram com a minha formação como pesquisadora e educadora.

Enfim, participar desse processo foi significativo, pois aprendi junto ao grupo a olhar para uma prática, refletir sobre ela, sugerir estratégias e, a partir daí, construir um novo conhecimento. Um conhecimento específico; ligado à ação e construído por meio dela”.

Rosana Pimenta

(Professora de Arte da Rede Pública Estadual de São Paulo - Licenciada e Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação do IA/Unesp-SP)

“Participei do projeto “Dança Criança na Vida Real” como integrante do Grupo de Pesquisa Dança: Estética e Educação. Assim, não participei da elabora-

ção e concepção das atividades idealizadas para o desenvolvimento do projeto na escola. Mas da reflexão e do estudo que fizemos dessas atividades no grupo de pesquisa. Com isso, tive a oportunidade de partilhar com o grupo minha experiência como educadora bem como da aplicação, na escola, dos roteiros preparados para o primeiro e o quarto encontro com as crianças”.

AS MARCAS DA DANÇA

O Projeto Dança Criança na Vida Real foi uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Como um vir-a-ser, gerou no grupo oportunidades de aprendizagem e contato com o conhecimento por meio de situações nas quais escolher, propor, opinar, discutir, decidir, avaliar são habilidades desenvolvidas durante o processo do próprio aprendizado em parceria com todos que dele participam. A partir dessas premissas, sentimos, vivemos, agimos e refletimos durante sua realização, selando compromisso único com a comunidade com a qual trabalhamos, caracterizando-o como um projeto de ação sociocultural.

Ele se realizou deixando suas marcas. As ações fomentaram um novo interesse pela Dança, assim como ampliou esse universo para as crianças.

Realizar este projeto de ação cultural implicou em acionar os poderes instituídos na expectativa por transformação. O alcance real da ação empreendida escapa das possibilidades de análise material dos registros que nossos olhos observadores, mesmo quando atrás de câmeras, captaram das manifestações corporais e simbólicas dos participantes.

Rita Antunes, também coordenadora do projeto, enfatiza nosso empenho para que os professores em formação e as titulares das classes escolhidas observassem as crianças entrarem em contato com o universo da Dança, vislumbrando a arte no palco do seu dia a dia, da sua Escola, com seus colegas e Mestres, conosco. E, além disso, pisassem o palco, seu lugar e lugar comum de trânsito, revestido de som, em cena.

Sonhamos e vimos juntos que o sonho era possível; porque foi passível da nossa determinação e ação. E, o material produzido foi apresentado e disponibilizado para a Escola. O livro digital Dança Criança na Vida Real (ISBN 9788562309007), organizado por Godoy e Antunes (2008), totalmente ilustrado, é uma produção bibliográfica que se caracteriza como um material pedagógico para formação de professores. Nele encontramos a descrição do fazer e do refletir (todas as ações, depoimentos, oficinas, etc) em forma de texto (DVD ROM) e em forma de vídeo (DVD Documentário). O livro encontra-se disponível nas bibliotecas dos campus da Unesp para apreciação e consulta.

Tanto os estudantes quanto as professoras se declararam satisfeitos e motivados, não menos que a equipe responsável, a continuar nesta perspectiva profissional altruística trazida por este trabalho, impregnado e permeado pela experiência amorosa que marca o humano como presença criativa e criadora de valor. Ponto de partida para o delírio de novas jornadas, abertura de novos caminhos a partir dos atalhos que os dados de que ainda dispomos possam sinalizar, a exemplo do *Projeto movimento e cultura na escola* em continuidade a essa iniciativa, cuja avaliação apontou para a inclusão de pontos como atenção à família dos alunos e à formação em serviço dos professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FARO, Antonio. **Pequena história da dança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre a música e educação**. São Paulo: Unesp, 2008.

GODOY, Kathya Maria Ayres de. **Dançando na escola: o movimento da formação do professor de arte**. 2003. 2 v. il. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

GODOY, Kathya Maria Ayres de; ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza (Orgs). **Dança criança na vida real**. São Paulo: Unesp/Instituto de Artes, 2008.

GORDON, Edwin E. **Teoria de aprendizagem musical, competências, conteúdos e padrões**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2000.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LAROSSA, Jorge. Experiência e paixão. In: LAROSSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 151-65.

RENGEL, Lenira; LANGENDONCK, Rosana Van. **Pequena viagem pelo mundo da dança**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

BIBLIOGRAFIA

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias, PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MIRANDA, Regina. **O movimento expressivo**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.